

Para uma epistemologia sensível: o lugar de uma razão delicada no ausente do moderno

Autor: Murilo Duarte Costa Corrêa

Advogado, professor universitário

Publicado na Edição 23 - 29.04.2008

Introdução

A realidade está grávida. Qualquer coisa de nova nasce, deixando-nos à mercê de um mundo sem certezas – talvez essa seja a única, mas quem saberá? E esse **novο**, gestado, provoca nossa razão de modo a que abandonemos os discursos de apego. A ciência já não é demonstrável. Nas mesmas circunstâncias, as mesmas hipóteses podem verificar-se dia sim, dia não, sem que isso seja admirável para os cientistas. Isso se chama relativismo, condição interposta no real, capaz de abri-lo ao imaginário da possibilidade.

Se já não há certeza, não há segurança. Do mesmo modo, há de se ter medo, mas não havemos de morrer de angústia. Nossos saberes são, agora, insuficientes. A realidade, grávida, aponta o sentido não de uma mudança de paradigma, mas o de uma nova concepção de saber; como quis Michel Maffesoli: uma libido sciendi.**(1)**

Deixaremos, quem sabe, então, de dizer que se **produz** conhecimento. Conhecimento não se produz: ele **brot**a – do nosso íntimo, da nossa dúvida, do nosso desejo. Conhecer e prazer estão intimamente ligados, desde o momento em que foram abandonados cada um à sua sorte para se instaurar o racionalismo, com as posições insulares de defesa da ciência moderna.

Fonte única, a razão científica é um produto da Modernidade. Diz-se produto, pois é saber econômico, moeda de troca, ou objeto de uma retenção primordial nas personalidades obsessivas. Razão que não se deixa tingir com as cores da vida, o racionalismo, avançando na história, transformou-se em **poder**; saber afastado de seu objeto, forma sem estética, signo de antierotismo. Não se dá ao luxo sequer da perversão, que é o saber iludido, o saber revirado, ou revirável.

Em tudo isso, qual o papel da crítica? Que crítica pode fazer um saber único, reto – que de tão reto chega a ser mal-humorado, ranzinza? Críticas que partam de um lugar pretendendo chegar a outro, mas falhem nessa travessia. Críticas que não buscam orientações diversas das comodidades que a verificação, como pedra de toque da verdade,

deixou-lhes como legado. Uma experiência que se aparta do real, uma razão que se aparta da experiência, em seu sentido mais amplo.

Contudo, há poetas à solta – esses bárbaros: e o pior, soltos dentro de nós.**(2)** Donatários de uma razão seminal, imemorial, possuímos, como bárbaros, ainda a amplitude que permite descobrir o mundo, inventar outros discursos, conceber essa realidade que se deseja concebida.

Esse vitalismo da realidade implica que pensemos sobre uma nova razão, que oriente um saber que não poderá mais ser esquizóide, autista; modelos como apartamentos sem corredores,**(3)** cidades feitas apenas de ruas sem saída.

Já não há o que classificar – tudo imaginariamente vive e é pleno de movimento. Já não há o que explicar:**(4)** o sensualismo pode ser encontrado, justamente, nas dobras da realidade. A oposição deve ser dispensada na deriva barthesiana.**(5)** Devemos conceber métodos, ou, como prefere Maffesoli,**(6)** **encaminhamentos** (etimologia do método) para pensar um universo em que mais nada se opõe, mas tudo se combina – algo próximo do **viver junto** barthesiano.**(7)**

Dessa maneira, a pós-modernidade nos oferece duas possibilidades, ao menos. A primeira nos relaciona com uma realidade fragmentária em que há a opressão do múltiplo, o desterro da razão moderna e a angústia por estar em um mundo não mais explicável por planos, pontos, linhas, história dos saberes, ou geometria euclidiana.

De outro lado, essa mesma realidade oferece a fruição do múltiplo como reverberação do plural, do fragmento não mais oferecido como amputação de um saber, de uma parcela humana, ou do real; os fragmentos passam a ser os elementos de combinação multiplicada e conformação do real dentro das possibilidades imaginárias de um real que já não se apresenta como limite – já não há o sentido terminal no **princípio da realidade**. No dizer de Maurice Blanchot, a possibilidade sai de sua condição de menoridade frente ao real: "A possibilidade não é só o que só é possível e deveria ser olhado como menos do que real. A possibilidade, nesse novo sentido, é mais do que a realidade: é ser, mais o poder do ser".**(8)**

Essa realidade potencializada, esse ser mais o poder do ser, nas palavras de Maurice Blanchot, é a realidade grávida de que falávamos. Ela nos coloca vizinhos desse bárbaro que se encontra em nós, que fala uma língua inaudível ao homem de ciência: a palavra de delicadeza, a nuance, a sutileza – palavras femininas.

Realidade que nos faz aposentar os velhos pensamentos e imaginar o mundo novo, de novo. Descobri-lo, sem descanso, e sempre. Conversa infinita que tecemos com o real, um novo saber, uma epistemologia do sensível deseja ser uma língua própria – seu barbarismo enternecido – para que possa falar sobre, e desde, os nossos afetos esquecidos, mas nunca ausentes de nós.

1 Por que não o Moderno pelo Moderno?

Não devemos falar do Moderno pelo Moderno, ou sequer criticar o lugar que criticamos de cima de sua varanda. Temos de falar de **fora**. Devido a isso, não podemos, simples e comodamente, utilizar o conceito clássico de episteme. Entendemo-la como saber, pura e simplesmente, com tudo o que atine ao saber. Talvez fosse melhor falar em gnoseologia, mas, enquanto pensamos na classificação mais adequada para o pensamento, a realidade já nos tomou pelo braço e levou-nos para um passeio ou tirou-nos para dançar com ela.

Seja como for, com efeito, não há como manter as diferenciações clássicas operadas no seio da epistemologia platônica de modo a opor platonicamente crença (doxa) e conhecimento (verdadeiro), quando a ciência moderna se transforma em religiosidade ou misticismo e o faz diante de nossos olhos. A verificação de uma hipótese científica, antes verdadeira, transmuda-se em uma profissão de fé tão significativa como qualquer outra mitologia, diante, por exemplo, do relativismo da física quântica.**(9)** É a causalidade que se rompe, porque tudo é multiplicado. Quando não há verdade ou justificação para que sejamos, a um mesmo tempo, cientistas e bárbaros, parece que:

"(...) é a própria vida que, aos olhos do intelectual, é suspeita, pois nunca se dobra a uma ordem abstrata. Donde o 'giro' que, sub-repticiamente, vai operar-se do saber para o poder.

Com efeito, o saber passa a ser o poder. As armas da crítica vão confrontar a crítica das armas."**(10)**

É a essa conformação de poder que um discurso e uma episteme do sensível escapam; são a possibilidade de **suspensão** desses signos de poder. Se o real contemporâneo convoca à sua volta, e à volta de suas potencialidades de ser, diversos saberes, de modo que são tênues os limites que os separam, a episteme do sensível é uma forma de saber diversa da moderna, possivelmente apta a congregar esses saberes todos em sua multiplicidade, em suas reverberações.

Não sabemos ao certo se seria possível falar em **crise** da razão moderna; coisas mortas não entram em crise – quando muito são

degradadas pela ação natural do tempo. O sentido que queremos emprestar a essa afirmação é o seguinte: o racionalismo é uma forma morta de saber porque dela se ausenta a vida. Não há crise em uma forma de saber que não vive como nós. Nós é que entramos em crise – as formas de saber, ao menos no esquema contido pelo que se denominou por totalidade moderna, continuam sendo suficientes ou insuficientes.

Para isso aponta Michel Maffesoli, ao escrever: "O próprio da separação, aquilo que se fragmenta é sempre, potencialmente, mortífero, enquanto que o que vive tende a se reunir, a conjugar os elementos vivos. É quando 'o conjunto todo se sustenta' que há vida".(11)

Mais uma justificativa de por que não podemos explicar o Moderno pelo Moderno: a explicação não se sustenta. Ao fazê-lo, estaríamos utilizando um código de poder para conduzir-nos de modo sensível – e isso não é recomendável, dada a nossa proposta inicial. Se desejamos conceber um discurso de delicadeza e, mais, uma razão sensível, não se pode partir do mesmo código. Devemos sair à procura de um termo inaudito, da reverberação que o sentido do sensível faz produzir em cada um de nós; mais precisamente, devemos ouvir essa voz de outrem, esse murmúrio bárbaro que nos habita. Enfim, é necessário que a episteme venha de fora do moderno, ausente de seus condicionamentos, de suas regulações.

Por isso, não falaremos do Moderno pelo Moderno – isso desfaria o sentido todo de nossa busca, e terminaríamos, como muitos terminaram, com a cabeça entre as mãos, desolados e sob um céu sem estrelas. É hora de, saindo do sistema do moderno, procurarmos em nós mesmos esses barbarismos excluídos, rumores sufocados do estrangeiro cuja vida habita nosso ser.

2 Para a gestação de uma razão sensível

A proposta de uma epistemologia do sensível passa pela possibilidade de se conceber um saber que se componha de elementos outros, para além dos científicos, tradicionais. Também no discurso científico conservador há um discurso implicado, que em grande parte o constitui, mas que foi visto, ao longo do tempo, sob a perspectiva de um veículo de incerteza na ciência. O discurso, por ser instrumental, é, pela ciência, considerado como opositor da certeza científica, já que há uma certa dificuldade em expressar a precisão moderna por meio de palavras imaginativas.

Assim, o discurso, na ciência moderna, não possui uma função estetizante, mas meramente instrumental, colocando uma série de palavras-meio que nada têm a acrescentar ao estudo puro de um objeto bem determinado – não se fala da vida, em ciência. Em verdade, o discurso, para a ciência moderna, não é mais que uma forma pouco elevada de dizer uma prática, pois carecedora de uma precisão científica ao tentar transmitir a verdade.

Nesse passo, a ciência só comportaria um discurso científico à medida que ele constitua o termo que lhe serve de escape do hermetismo. É justamente nessas falas que falham que a ciência se institui como saber com pretensão à verdade – daí Barthes afirmar que a ciência constituiria um discurso de apego e de arrogância.**(12)**

Certo que o discurso é polifônico. Quer-se com isso dizer que ele, quando tomado como instrumental para a formulação científica, pode corresponder às expectativas de precisão científica, ou se apresentar na plenitude de sua função, que Barthes identificou com a exercida pelo discurso literário: a de denunciar a arrogância do discurso científico.**(13)**

Nesse ponto, o discurso é considerado como o veículo do **tropeço** científico – o discurso não demonstra coisa alguma: ele a inventa. Daí o temor instalado em Viena ao descobrirem a dimensão pragmática da linguagem – e a possibilidade de equivocidade que isso implicaria.

Ao mesmo tempo em que a equivocidade se apresenta como tropeço na ciência, ela se apresenta, na literatura, como riqueza: pedra de toque da polissemia; nas palavras de Maurice Blanchot: **palavra plural**. Muito mais que polissêmica, a palavra plural de Maurice Blanchot ainda é aquela palavra que implica o sujeito, sendo exterior a ele.**(14)** Palavra que faz do sujeito, antes afirmado como realidade invendável no moderno, uma difusão sem parentesco.

O discurso, tropeçando, faz tropeçar toda a racionalidade científica, como que denunciando, como dissemos, e em Barthes, a arrogância do discurso científico, dotando-o de um relativismo segundo o qual nem a verificação exaustiva de um fenômeno poderá dizer sobre ele, senão por meio do discurso, nem que seja um discurso prático, **feito** e sem palavras.

De todo modo, o discurso equívoco, polissêmico, plural, no sentido que lhe dera Maurice Blanchot, não pode esgotar-se no conceito. Nesse mesmo sentido, o sociólogo francês Michel Maffesoli explica:

"(...) ao lado da brutalidade do conceito, que entende esgotar aquilo que se aproxima, esvaziando, em nome da eternidade, o aspecto lábil das coisas, pode existir outra aproximação, muito mais acariciante,

atenta ao detalhe, aos elementos menores, numa palavra, àquilo que está vivo."**(15)**

A episteme sensível constitui esse saber que se avizinha de seu objeto, que se estabelece eroticamente nas dobras da vida. Seu relativismo, seu amor incondicional ao encantamento vital encerrado pelo instante são capazes de suspender a temporalidade da eternidade (científica) pela delicadeza do efêmero – assim como a própria vida.

A suspensão da razão economiária, da troca que se perde na moeda, é o que um discurso da delicadeza implanta no pensamento sensível. Condição afetiva que se coloca de modo a fazer da racionalidade da troca mais que uma troca (moderna, ou pré-moderna –mercantil) como economia pura e simples. Lugar do sensível, esse, em que o dialogismo é fim, e não meio; discurso, enfim, segundo o qual se pode estabelecer o para além do conceito e o para além da realidade entendida, pela Modernidade, como limitação ao pensar o mundo e as realidades humanas multifacetadas de que ela se compõe.

Nesse sentido, o poder e o fascínio perverso que a realidade, por um lado, e a ciência, por outro, exercem sobre a intelectualidade são revirados pela lógica do delicado. No para além do conceito, encontramos a metáfora, da qual o conceito, como asseverava Nietzsche, citado por Roland Barthes,**(16)** é apenas um resíduo, um produto – nada mais mercantil, portanto, que o conceito, signo de uma lógica terminal – da não-vida – estabelecida no seio do **Poder**.

Maffesoli, a propósito, menciona sobre a relação:

"De um lado a força bruta do conceito e a instrumentalidade a inscrever todas as coisas numa perspectiva econômica: economia de si, economia do mundo; do outro, aspecto acariciante de uma ecologização da existência a engendrar uma contemplação do mundo."**(17)**

É esse conhecimento baseado no conceito como resíduo, de que falava Nietzsche, que Barthes afirmava dever ser substituído: **substituir o conceito pela metáfora.(18)** Conhecimento que se estabelece junto de todos os outros, em uma economia cujo sentido fora inaugurado por Georges Bataille: a noção de despesa como busca da fusão,**(19)** o perder-se no outro, assim entendido por Maffesoli.**(20)**

Nesse contexto, assistiríamos ao advento de um mundo baseado em uma razão **imaginal,(21)** em que a materialidade não desponta como princípio do real. Haverá, de outro modo, uma "maneira de ser

e de pensar perpassadas pela imagem, pelo imaginário, pelo simbólico, pelo imaterial".(22)

O espaço antes devotado ao racionalismo científico é crivado por discursos provindos de uma imaginação criativa. A anterior devoção do sistema científico pelo conceito, pelas temáticas que afirmavam a unicidade da ciência, sua autonomia e seu potencial de análise, é transformada em morada de uma incerteza permanente, que faz do instante seu tempo e do saber uma descoberta do mundo – prazer indizível.

Acreditamos que essa nova forma de saber possa ser instituída a partir do humano, de suas angústias, de seus desejos e encantamentos. Consciência que está à deriva, o saber sensível, uma episteme do delicado, é gestada no seio do próprio real, consagrando nele seu potencial imagético, sua poética imaginária, ou imaginativa – sua delicada potência em fazer com metáforas o que a modernidade não fez com os conceitos: conceber um sistema explicativo mais amplo, em que não necessariamente rompamos de maneira definitiva e irascível com o moderno, mas a partir do qual possamos reconhecer as limitações do saber então concebido pelo ocidente, ao mesmo tempo em que tecemos, na eternidade criativa abraçável no instante, "um caminho intermediário conciliatório entre a realidade consciente e inconsciente".(23)

É no bojo desse ser difuso que podemos ser e de um pensamento relativo, que não despreza nossos afetos nem nossa consciência, agora tomada sob novos moldes, que podemos dizer sobre uma epistemologia do delicado. Michel Maffesoli, citando Freud, afirma que "existe um caminho de volta que leva da fantasia à realidade: é a arte".(24) Desse modo, o sociólogo francês nos deixa abandonados a um sentido primordial, que deve ser objeto de nossa experiência, de nossa vivência, se tentamos conceber uma razão sensível: "Inventar é descobrir aquilo que pode estar oculto, mas que, nem por isso, está menos presente, em recantos esquecidos e por vezes obscuros".(25)

Eis um novo sentido para um saber de porvir: a descoberta de nossas sensibilidades perdidas como nossa própria invenção.

Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **A poética do espaço.** Trad.: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **A epistemologia.** Lisboa: Edições 70, 2001.

_____. **A formação do espírito científico:** contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Trad.: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

_____. **La intuición del instante.** México: Fondo, 2000.

BARTHES, Roland. **Aula.** Trad.: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2004.

_____. **Como viver junto:** simulações romanescas de alguns aspectos do cotidiano. Trad.: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Crítica e Verdade.** Trad.: Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1970.

_____. **Fragmentos de um discurso amoroso.** Trad.: Hortênsia dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

_____. **Incidentes.** Trad.: Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

_____. **Mitologias.** Rio de Janeiro: Difel, 1978.

_____. **O neutro.** Trad.: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **O prazer do texto.** Trad.: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. **Roland Barthes por Roland Barthes.** Trad.: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. **Sade, Fourier, Loyola.** Trad.: Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **S/Z.** Trad.: Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

BATAILLE, Georges. **A parte maldita, precedida de A noção de despesa.** Trad.: Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita**: a palavra plural. Trad.: Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2001.

BORGES, Guilherme Roman. **O direito erotizado**: ensaios sobre a experiência do fora e do novo na constituição de um discurso jurídico transgressional. Tese (Mestrado), UFPR, 2005.

JUNG, Carl Gustav. **Ab-reação, análise dos sonhos, transferência**. Petrópolis: Vozes, 1987.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Trad.: Alberto Christophe Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. Mediações simbólicas: a imagem como vínculo social. In: MARTINS, Francisco Menezes, et alli. **Para navegar no século XXI**. Tecnologias do imaginário e cybervultura. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 37-48.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A visão dionisíaca do mundo**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **A Crítica da razão indolente**: Contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2002.

Notas:

1. MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**, p. 14.

2. Id., *ibid.*, p. 11.

3. Id., *ibid.*, p. 42. "Ao enfatizar , unilateralmente, um aspecto da realidade social, o homem amputa uma parte essencial de si mesmo, a da criação, a da dimensão imagética. Ou, mais exatamente, ele faz compartimentos que não se comunicam entre si".

4. Ex-plicar : (etimol. lat.) pôr para fora (ex-) as dobras (-pli) = desdobrar.

5. Ver, a propósito, BARTHES, Roland. **O Neutro**.

6. MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**, p. 15. "(...) a 'contemplação do mundo' é uma forma de criação. Convém pensá-la.

No sentido etimológico, isto requer um novo 'discurso do método', isto é, um encaminhamento".

7. BARTHES, Roland. **Como viver junto**.

8. BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita. A palavra plural**, p. 85.

9. Disso, dão-nos conta SOUSA SANTOS, Boaventura de. **A crítica da razão indolente**, e CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. Não apenas eles tratam do tema, evidentemente, mas trazemos para elucidar o que há pouco dizíamos: os universos de saberes interpenetram-se tanto nas ciências físicas como nas sociais, humanas, e assim sucessivamente. Não é porque os domínios foram destacados como diversos, pela forma de saber moderno, que não se encontrem agrupados, em larga medida, em torno da mesma realidade e da mesma potência de real.

10. MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**, p. 44.

11. Id., *ibid.*, p. 65.

12. BARTHES, Roland. **O Neutro**, p. 313-335.

13. Id., *ibid.*, p. 333.

14. "'O que é que lhe incomoda?' – 'O fato de estar implicado numa palavra que me é exterior'". BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita. A palavra plural**, p. 19.

15. MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**, p. 125.

16. BARTHES, Roland. **O Neutro**, p. 324.

17. MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**, p. 172.

18. BARTHES, Roland. **O Neutro**, *loc. cit.*

19. BATAILLE, Georges. A noção de despesa. In: BATAILLE, Georges. **A parte maldita**, p. 30-33.

20. MAFFESOLI, Michel. Mediações simbólicas: a imagem como vínculo social. In: MARTINS, Francisco Menezes, et alli. **Para navegar no século XXI**, p. 45.

21. Id., *ibid.*, p. 47.

22. Id., *ibid.*, *loc. cit.*

23. JUNG, Carl Gustav. **A psicologia do inconsciente**, p. 71. Logo antes, na p. 67 da obra citada, Jung assevera de modo irretocável algo deveras elucidativo da passagem anterior: "Cometemos um erro grosseiro ao acreditar que o reconhecimento do desvalor num valor ou da inverdade numa verdade implique a supressão desses valores ou verdades. O que acontece é que se tornam relativos. **Tudo o que é humano é relativo, porque repousa numa oposição interior de contrários, constituindo um fenômeno energético**".

24. MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**, p. 153.

25. Id., *ibid.*, loc. cit.

Referência bibliográfica (de acordo com a NBR 6023: 2002/ABNT):
CORRÊA, Murilo Duarte Costa.